

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

A663v Araujo, Riviane Gomes de  
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO CONTO "MARIA", DE CONCEIÇÃO EVARISTO. /  
Riviane Gomes de Araujo. - 2021.  
08 f.

Orientador: Iedo de Oliveira Paes.  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Recife, 2021.

1. Racismo. 2. Violência. 3. Sexismo. 4. Mulher negra. I. Paes, Iedo de Oliveira, orient. II. Título

CDD 410

---

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO CONTO “MARIA”, DE CONCEIÇÃO  
EVARISTO.<sup>1</sup>**

Riviane Gomes de Araujo<sup>2</sup>

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Violência. Sexismo. Mulher negra.

### **1 Considerações iniciais**

O conto “Maria” da escritora brasileira Conceição Evaristo narra acontecimentos em um curto espaço de tempo da personagem homônima ao título, uma mulher negra e doméstica. No percurso da história, Maria estava em um ponto de ônibus segurando sacolas com resto de comida da casa em que trabalhava. Ao entrar no ônibus, Maria se depara com um ex-companheiro que assalta o ônibus. Após um alvoroço ter sido instaurado, a personagem é acusada de ser cúmplice do assalto e morre ao ser brutalmente espancada por alguns passageiros sedentos por vingança.

O conto faz parte do livro “Olhos D’água” publicado em 2015 e se destaca pelo que Evaristo denominou de "escrevivência" - escrever a existência-, a escrita que se origina do cotidiano, das próprias experiências da autora pautadas na condição de mulher negra no Brasil. A autora de origem muito humilde, nasceu em Belo Horizonte no ano de 1964. Quando criança trabalhou como empregada doméstica e babá em casas de famílias de classe média alta. Sobre essa realidade, Evaristo (2009) diz

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Firmino Soares, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes. Março/2021.

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: rivis5@gmail.com

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós [...]. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhanamente para as nossas mãos. Restos.

São esses restos tão cruéis que fazem parte do conto "Maria", são os restos de comida que a personagem leva para os filhos, acompanhados do resto de dignidade que ela perdera ao ser assassinada brutalmente. A Maria do conto representa a mulher negra periférica, empregada doméstica, a representação do serviço braçal desvalorizado. Maria foi agredida antes mesmo de entrar naquele ônibus, a vida já havia se encarregado de lhe dar três filhos de pais diferentes, mãe solo, mais uma entre tantas abandonadas pelos companheiros, sua companhia era a pobreza. A personagem jaz em meio à violência do olho por olho e dente por dente.

Tendo como intuito identificar as violências sofridas pela personagem atreladas às questões raciais e de gênero, pretende-se analisar como tais fatores foram primordiais para culminarem na morte da personagem.

## **2 Objetivos**

### **2.1 Geral:**

Analisar o fator racial e de gênero atrelado as ações que levaram a morte da personagem.

### **2.2 Específicos:**

- a) Identificar o racismo presente no conto.
- b) Analisar as violências sofridas pela personagem.

## **3 Fundamentos teórico-metodológicos**

Este trabalho é norteado pela pesquisa bibliográfica, tomando como base Boccato (2006, p. 266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

Deste modo, partindo da concepção da violência e ainda assim a violência contra a mulher negra, tem-se como base: **A dominação masculina**, de Pierre Bourdieu (2002) e **Irmã Outsider**, de Audre Lorde (2009). Pretende-se ainda analisar a violência sofrida por Maria atrelada à questão de gênero segundo Constância Lima Duarte em seu artigo **Gênero e Violência na literatura afrobrasileira**, quando a autora diz que

"[...] os contos de Conceição Evaristo parecem trazer a expressão de um novo paradigma. Escrita de dentro (e fora) do espaço marginalizado, a obra é contaminada da angústia coletiva, testemunha a banalização do mal, da morte, a opressão de classe, gênero e etnia, e é porta-voz da esperança de novos tempos." (Duarte, 2018).

Tal afirmação condiz com a proposta do presente trabalho, visto que se pauta na perspectiva do racismo como mote promovedor dos acontecimentos do conto, sendo ainda as questões de gênero fundamentais para compreender os fatos.

#### **4 Resultados e Discussões**

Segundo o dicionário Michaelis, racismo significa:

1 Teoria ou crença que estabelece uma hierarquia entre as raças (etnias). 2 Doutrina que fundamenta o direito de uma raça, vista como pura e superior, de dominar outras. 3 Preconceito exagerado contra pessoas pertencentes a uma raça (etnia) diferente, geralmente considerada inferior. 4 Atitude hostil em relação a certas categorias de indivíduos.

Pode-se então compreender que o racismo preconiza a superioridade de uma determinada raça em detrimento à outra, resultando em dominância de uma sob a outra. No conto pode-se ainda verificar que houve atitude hostil com a personagem em vários momentos. A saga da personagem começa quando ela está há horas esperando o

ônibus em uma parada carregando sacolas. Mesmo morando longe do trabalho, ela ainda cogita ir andando para casa, afinal a passagem do ônibus estava cara. Essa realidade de Maria faz parte da realidade de muitas mulheres no Brasil, a violência urbana que assola a maior parte da categoria subalterna do Brasil, inclusive as mulheres negras. Acerca disso, Saffioti diz:

Na sociedade ocidental em geral e na brasileira em especial estão presentes mais dois sistemas de dominação-exploração, a saber: o patriarcado, que legitima a assimetria das relações de gênero, a subordinação da mulher ao homem; e o racismo que permite ao branco determinar o lugar do negro na estrutura social. (Saffioti , p. 16 ,1989)

Levando em consideração que o racismo e a subordinação feminina presentes no conto são reflexos da nossa sociedade que por anos naturaliza a mulher como ser inferior ao homem, sendo ainda agravado o fato de Maria ser negra e advinda de uma classe social historicamente marginalizada, conforme ainda Saffioti [...] não será difícil verificar que as categorias subalternas, no Brasil , constituídas por mulheres, negros, pobres e crianças. Nesta hierarquia, o último lugar é ocupado pela mulher negra, pobre e criança. (Saffioti, 1989, p.17)

No tocante à tal afirmação, a personagem Maria, mulher, negra e empregada doméstica, apenas confirma que seu lugar ocupado na categoria de subalternidade no Brasil é o lugar de subalternidade em seu último nível. A empregada doméstica que leva os restos de comida, que sofre acidente de trabalho “A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (EVARISTO, 2015, p. 44)

Para contemplar ainda a afirmação de Saffioti destaco do conto os seguintes excertos quando gritam com a personagem "Negra safada, vai ver estava de coleio com os dois."(Evaristo. P.41) Tal racismo atrelado ao fato de Maria ser mulher, configurou na violência de gênero, quando a personagem fora insultada por um passageiro "Aquele puta, aquela negra safada estava com os ladrões" (EVARISTO, 2015, p. 42).

No tocante à violência, pensa-se primeiro na violência física, mas não distante a personagem sofre a violência moral quando ao ser insultada ela não conseguia falar e muito menos ser ouvida. O relatório por Trás do Silêncio – Experiências de Mulheres com a Violência Urbana no Brasil, lançado pela Anistia Internacional (2009) afirma que: “Nas comunidades socialmente excluídas, as mulheres levam suas vidas em um cenário de constante violência criminal e policial. O impacto dessa violência em suas vidas é complexo e profundo. No entanto, suas histórias raramente são ouvidas.”

Mulheres negras e periféricas são silenciadas de forma arraigada na sociedade. Maria fora silenciada, silenciada com um tapa: "O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher". (EVARISTO, 2015, p. 42). A mulher negra quando ousou rebater um homem fora chamada de "negra atrevida" e ainda fora agredida. Nesses excertos verifica-se palavras de cunho racista e sexista. Para compreendermos como tais violências ocorrem, faz- necessário recorrer ao pensamento de Bourdieu, para quem

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/ baixo, masculino/ feminino, branco/ negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim, naturalizadas, de que seu ser social é produto. (Bourdieu, 1999, p. 47)

Para Bourdieu a violência simbólica ocorre de forma implícita nas relações, inclusive sendo uma forma de submissão podendo ser consensual ou não, mesmo que os dominados não identifiquem o aspecto do poder que um detém sobre o outro. O que ocasiona no funcionamento de forma natural ao internalizar determinadas crenças principalmente as opressoras como as que se referem no presente trabalho no que tange

as dicotomias preto / branco, homem / mulher. Ainda sobre a violência simbólica, a autora Constância Lima Duarte (2018, p.01) contribui afirmando

Nunca concordei inteiramente com a afirmação de Bourdieu, de que a violência simbólica se 'constrói através de um poder não nomeado', que 'dissimula as relações de força'. Ora, tal poder tem nome, e ele é machismo. E as relações de poder, do macho sobre a fêmea, estão bem visíveis nas relações sociais de gênero.

Para a autora fica evidente a relação que o patriarcado exerce no tocante à violência contra a mulher e que não decorre da aceitação feminina. Importante destacar que Bourdieu (1999) não simplifica os atos de violência contra a mulher desculpando os homens por tais atos. Para ele essa é uma visão simplista e que não condiz com a sua proposição teórica. Tal afirmação de Duarte é imprescindível para ainda sim compreendermos o machismo e as relações de poder.

Ao final do conto as palavras mais marcantes ecoam o presságio de morte " Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão" (EVARISTO, 2015, p. 42). O julgamento de Maria ocorreu com a sentença de morte como resultado, ela fora culpada por algo que não cometera e sem chances de defesa. Sobre culpar a vítima pela violência que a mesma sofrera, Audre Lorde afirma que " Pessoas negras são acusadas de provocar linchamentos por não saberem se comportar; mulheres negras são acusadas de provocar estupro, assédio e assassinato por não serem submissas o bastante ou por serem sedutoras demais, ou muito..." (1984, p.77) Ficando claro mais uma vez a culpabilização da mulher por atos que elas sofrem, ficando nítido que as minorias são apontadas como responsáveis pelas violências que elas mesmas sofrem. Há dívida histórica, e sobretudo ainda há muitos passageiros "cidadãos do bem" perpetuando o mal, e principalmente ainda há muitas Marias sendo mortas. A personagem é apenas o reflexo de uma sociedade que faz da maior parte da população brasileira que são negros, serem minorias. Em um país que silencia as vítimas, a ficção e a realidade não são tão distantes.

## 5 Considerações Finais

A violência sofrida por Maria, teve cor e gênero. Maria entre tantas Marias, tantas brasileiras que sofrem violências sejam elas físicas e morais. A personagem que almejava apenas voltar ao seu lar, sofreu um grande baque no corpo e na alma. A grande batalha do oprimido e opressor, a grande luta de Maria pela vida. Ela lutou contra várias violências, e até mesmo a faca a laser que corta até a vida não deu um corte tão profundo quanto a dor de não poder ter direito à defesa , ser julgada pela lei do olho por olho e dente por dente e não poder rever seus filhos pela última vez.

É importante também destacar como o preconceito em relação às mulheres negras opera através de anos sendo perpassado pelos fatores que fundamentam a questão da subalternidade sendo eles: sexo/gênero, raça/etnia, e classe social. Esses fatores fazem com que ainda ocorram as práticas de dominação e preconceito, culminando na violência advinda diretamente da junção entre elas.

## 6 Referências

Anistia Internacional. (2009). **Por trás do silêncio** – experiências de mulheres com a violência urbana no Brasil. Brasil: Autor. Disponível em : <https://www.amnesty.org/download/Documents/52000/amr190012008por.pdf> acesso em 04 de fev. 2021.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: [http://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista\\_odontologia/pdf/setembro\\_dezembro\\_2006/metodologia\\_pesquisa\\_bibliografica.pdf](http://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf). Acessado em 25 de jan. de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2002.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e Violência na literatura afrobrasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/47-constancia-lima-duarte-genero-e-violencia-na-literatura-afro-brasileira>. Acesso em 12 dez. 2020.



EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Dados biográficos**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 15 jan. 2021.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaio e conferências**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SAFFIOTI, H. I. B. (1989). A síndrome do pequeno poder. In M. A. Azevedo & V. N. A. Guerra, (Orgs.), *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.